



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



França Júnior

Maldita Parentela



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Maldita Parentela

França Júnior

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1887.

Livro Digital nº 874 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Joaquim José de França Júnior

(1838 - 1890)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

MALDITA PARENTELA

COMÉDIA EM UM ATO



PERSONAGENS:

CASSIANO VILASBOAS (33 anos)

HERMENEGILDA TAQUARUÇU DE MIRANDA (30 anos)

DESIDÉRIO JOSÉ DE MIRANDA (60 anos)

DAMIÃO TEIXEIRA (50 anos)

RAIMUNDA (sua mulher, 45 anos)

MARIANINHA (sua filha, 20 anos)

MAJOR BASÍLIO (60 anos; suas filhas)

LAURINDINHA (20 anos)

COCOTA (20 anos)

GUIMARÃES (40 anos)

DOUTOR AURÉLIO (25 anos)

Três criados; três meninos de 7 a 10 anos; uma menina de 8 anos; convidados.

A ação passa-se no Rio de Janeiro, no ano de 1871.

ATO ÚNICO

O teatro representa uma sala mobilada com elegância. É noite.

CENA I

Damião Teixeira e Raimunda.

DAMIÃO (*entrando por uma das portas da esquerda, a Raimunda, que entra pela direita*)

Onde está Marianinha? (*Com alegria*) As salas regurgitam de gente e neste momento acaba de entrar a família do comendador Pestana.

RAIMUNDA

Marianinha está no toalete com as filhas do conselheiro Neves.

DAMIÃO

Que reunião luzida! São apenas nove horas e já tenho em casa dois desembargadores, três deputados, um conselheiro, um tenente-coronel...

RAIMUNDA

O pior é que chove a cântaros.

DAMIÃO

Tanto melhor. Haverá à porta maior número de carros e o nosso baile, durante uma semana pelo menos, será o assunto das conversações na vizinhança.

RAIMUNDA

Você só pensa nos seus comendadores e barões e não se lembra do mano Basílio e das meninas da Prainha. Sabe Deus como elas virão por aí, coitadinhas, metidas num bonde, todas enlameadas e correndo o risco de uma constipação.

DAMIÃO

Se é por esse motivo que a chuva a incomoda, então fique sabendo desde já que eu não duvidaria dar às almas o dobro do que gastei esta noite para ver desabar sobre a cidade um tremendo temporal, dez vezes maior que o de dez de outubro.

RAIMUNDA

Se a minha família o envergonha, por que casou comigo?

DAMIÃO

Ora Raimunda, falemos com franqueza, a tua parentela é um escândalo!

RAIMUNDA

Em que é que os seus parentes são melhores que os meus?

DAMIÃO

Aqui para nós, que ninguém nos ouve, tu achas teu mano Basílio...

RAIMUNDA

Teu mano, não; seu cunhado.

DAMIÃO

Vá lá; tu achas que meu cunhado Basílio e aquelas duas filhas; uma muito desengonçada e a dar gargalhadas a todo o momento e a outra de cara sempre amarrada a responder às amabilidades que lhe dizem com desaforos e muxoxos de crioula, estão no caso de entrar em um salão de gente que se trata?

RAIMUNDA

Quem te viu e quem te vê!

DAMIÃO

Desde que me entendo, encontro-as em toda a parte com uns célebres vestidos brancos, tão cheios de fofinhos, pregas e canudos que parecem estar vestidas de tripas. E o tal senhor Cassiano Vilasboas? Não se me dá de apostar que ele vem por aí de casaca e calça branca.

RAIMUNDA

Pois olhe, o primo Vilasboas foi sempre um janota.

DAMIÃO

Um janota da Ponta do Caju, que me tem quebrado, com os seus estouvamentos, quanta louça tenho em casa.

RAIMUNDA

Não é tanto assim.

DAMIÃO

Eu daria parabéns a mim próprio, senhora, se a sua parentela tivesse a feliz lembrança de não pôr cá os pés. Sabe que este baile é dado especialmente ao senhor Joaquim Guimarães, que é um homem às direitas, com quem desejo casar Marianinha. Já vê, pois, que é

preciso que nos meus salões se encontre a nata da sociedade fluminense.

RAIMUNDA

Não compreendo porque queres a nata da sociedade em tua casa quando pretendes casar tua filha com um lorpa, um sujeito sem educação, que vai fazer a sua infelicidade.

DAMIÃO

Pois um homem que traz para o casal aquilo com que se compram os melões faz porventura a infelicidade de alguém?! Pelo amor de Deus, senhora, não diga disparates.

RAIMUNDA

Se reservavas esta sorte para a pobre menina, seria melhor que não a tivesses mandado educar com todo o esmero em um colégio francês.

DAMIÃO

Pois saiba que é atendendo mesmo a essa educação que desejo casá-la com o tal lorpa, como a senhora o chama. Marianinha está acostumada ao luxo, à vida da alta sociedade e um marido dinheiroso é para ela hoje tão necessário como o ar que respira.

RAIMUNDA

Um marido que há de envergonhá-la em toda a parte.

DAMIÃO

Não há de ser tanto assim. Concordo que a princípio ele cometa suas inconveniências e que dê mesmo algumas patadas bravias; mas depois há de ir se acostumando pouco a pouco à atmosfera dos salões e acabará finalmente por falar a linguagem do bom-tom e não dar um passo sem atender ao formulário da etiqueta.

RAIMUNDA

Veremos.

DAMIÃO

Ora, minha amiga, tu queres medir todos pela bitola de tua família, que nasceu na Prainha, na Prainha foi educada e há de morrer na Prainha.

RAIMUNDA

Está bom, a minha família não está em discussão.

DAMIÃO

Eu já sei o que a senhora quer. Vem com pés de lá advogar a causa do tal doutorzinho que me anda a namorar a pequena...

RAIMUNDA

Pois fique sabendo que Marianinha já me disse que, a não dar a mão ao senhor Doutor Aurélio, não se casava com mais ninguém. E eu acho que ela faz muito bem.

DAMIÃO

O quê?! Pensa porventura a senhora Raimunda que eu vou casar minha filha com um valdevinos sem fortuna e sem família?...

RAIMUNDA

Mas...

DAMIÃO

Sim, sem família. Dou um doce ao tal sujeitinho se ele for capaz de dizer quem sejam seus pais.

CENA II

Os mesmos e três convidados.

DAMIÃO *(a duas damas e a um velho que entram pelo fundo)*

Ó senhor Visconde, pensei que não viesse. *(Aperta a mão do Visconde)* Raimunda, leva as capas das senhoras para o toalete. *(Raimunda beija as duas moças, tira-lhes as capas e entra pela esquerda voltando logo. As moças sentam-se)* Pode dispor desta casa como se fosse sua.

RAIMUNDA (*para as moças*)
A senhora Viscondessa por que não veio?

DAMIÃO (*para o velho*)
É verdade, por que não trouxe a Excelentíssima senhora?

CENA III

Os mesmos e mais três convidados.

DAMIÃO (*a um moço que entra com duas damas pelo fundo*)
Ó Excelentíssimo! Raimunda? O senhor Doutor Chefe de Polícia.
Minha mulher.

(Raimunda cumprimenta o moço, beija as três moças, tira-lhes as capas e leva-as para o toalete, depois do quê, volta para a cena. As moças sentam-se)

CENA IV

Raimunda, Damião, os convidados, Basílio, Laurindinha, Cocota, três meninos, de 7 a 10 anos e uma menina de 8 anos.

RAIMUNDA
Como está, mano Basílio? (*Laurindinha, Cocota e os meninos tomam a bênção a Raimunda*)

DAMIÃO (*à parte*)
Jesus! Veio a família em peso!

LAURINDINHA (*rindo-se às gargalhadas*)
Estamos todas enlameadas! (*Apertando a mão de todos que estão na sala, um por um*) Como tem passado? (*A outra*) Eu estou boa, muito obrigada. (*A outro*) Boa noite. (*A outro*) Tem passado bem? (*A outro*) Como vai?

DAMIÃO (*à arte*)

Que vergonha, meu Deus! Entram em um baile apertando a mão de todos, sem uma apresentação sequer!

LAURINDINHA (*a outra*)

Viva!

DAMIÃO (*baixo a Raimunda*)

Senhora, pelo amor de Deus, toque essas sirigaitas daqui para fora.

(*O major Basílio, os três meninos, a menina e Cocota seguem também um atrás do outro apertando a mão de todos, que ocultam o riso com o lenço na boca*)

RAIMUNDA (*baixo a Damião*)

De que é que esta súcia se ri?

DAMIÃO (*baixo*)

A senhora ainda o pergunta?! Olhe para aqueles vestidinhos, cheios de fitas de todas as cores. Parece-me estar vendo o mastro do Castelo em dia de chegada de voluntários.

BASÍLIO (*abraçando o Chefe de Polícia*)

Oh! Há quanto tempo não o vejo.

DAMIÃO (*à parte*)

O que é aquilo, o que é aquilo?!

BASÍLIO

Não é o senhor Tomé da rua do Alcântara, a quem tenho a honra de falar?

DAMIÃO (*pondo-se de permeio*)

Venha tirar par para uma quadrilha, excelentíssimo.

BASÍLIO

Desculpe-me, estou sofrendo tanto da vista.

LAURINDINHA (*rindo-se*)

Ah! Ah! Ah! Titia, não imagina o reboliço que houve hoje lá em casa por causa deste baile.

DAMIÃO (*com riso forçado*)

Nós imaginamos, nós imaginamos.

LAURINDINHA

Ah! Ah! Ah! Eu e Cocota queríamos fazer uns vestidos novos para pôr poeira hoje aqui em tudo. O diabo do italiano que costuma levar fazendas lá na Prainha flauteou-nos e não tivemos remédio senão lançar mão destes vestidos que fizemos para a chegada do Conde D'Eu. Toca a mudar fitas. Ah! Ah! Ah! O caixeiro do armarinho entrava e saía. Ah! Ah! Ah! Papai estava furioso. Já não posso com tanta despesa, disse ele. Ah! Ah! Ah! Saímos de casa todas engomadas, principiava a fuzilar. Quando chegamos ao Largo da Imperatriz, desabou uma pancada d'água... Ah! Ah! Ah! Os bondes passavam... papai, sciu, sciu, sciu, pára! Qual! Iam todos atonetados. Ah! Ah! Ah!

DAMIÃO (*interrompendo*)

Vamos tirar pares, vamos tirar pares.

LAURINDINHA

A mana está danada.

COCOTA (*zangada*)

Me deixe.

LAURINDINHA

Ah! Ah! Ah! Está com os sapatos todos encharcados, e a meia caiu-lhe pela perna abaixo.

COCOTA (*zangada*)

Não é de sua conta; cuide de sua vida que não faz tão pouco.

LAURINDINHA

Eu lá tenho a culpa que você viesse com os sapatos rotos?

COCOTA

Vá plantar batatas.

DAMIÃO (*à parte*)

Que vergonha! (*Alto*) Vamos tirar pares, vamos tirar pares.

COCOTA

Se você me exaspera muito, olhe que eu faço uma das minhas, hein?

BASÍLIO (*para Cocota e Laurindinha*)

Vocês não trouxeram aquela música a quatro mãos?

COCOTA

Eu não, não tinha eu mais que fazer.

BASÍLIO

Mas por que não trouxeste a música?

COCOTA

Porque não quis, está aí.

CENA V

Os mesmos e Vilasboas.

VILASBOAS (*entra pelo fundo, traja casaca e calça branca; traz um cachênê ao pescoço, a bainha da calça dobrada, sapatos de borracha e um chapéu de chuva sobraçado com a ponta para o ar*)

Afinal, sempre cheguei.

LAURINDINHA (*batendo palmas*)

Iu... ó primo Vilasboas. Que pagode. Ah! Ah! Ah!

(Vilasboas cumprimenta a todas com a ponta do guarda-chuva voltada para o ar)

DAMIÃO *(à parte)*

Mais outro.

BASÍLIO *(a Vilasboas que o cumprimenta)*

Olhe que você fura-me um olho.

VILASBOAS

Estou molhado como um pinto. *(Recuando para apertar a mão de Raimunda dá com o cabo do chapéu em um aparador e atira uma jarra ao chão)*

DAMIÃO *(à parte)*

Começa o diabo a quebrar-me tudo.

VILASBOAS *(para Raimunda)*

Não se incomode, eu pago. Com licença. *(Abre o chapéu de chuva e coloca-o no chão)*

DAMIÃO

O que é isto, senhor?

VILASBOAS

É para enxugar.

(Damião fecha o chapéu e coloca-o a um canto. Vilasboas senta-se no sofá, tira os sapatos de borracha e atira-os para baixo, desenrola o cachênê e desdobra a bainha da calça)

DAMIÃO *(baixo a Raimunda)*

Estou com a cara mais larga que um tacho. *(Alto)* Vamos tirar pares, vamos tirar pares.

CENA VI

Vilasboas, os convidados, os meninos, Laurindinha, Cocota, Basílio, Damião, Raimunda, Hermenegilda e Miranda.

RAIMUNDA

Entre, prima Hermenegilda.

HERMENEGILDA (*cumprimentando a todos*)

Pensei que não nos apropinquássemos mais às avenidas deste palácio, todo por dentro e por fora iluminado, como diz Alexandre Herculano no *Otelo*.

DAMIÃO (*à parte*)

Faltava mais este casal para coroar a obra.

VILASBOAS (*para Laurindinha*)

A mana Hermenegilda fala que se pode ouvir.

HERMENEGILDA

Deixamos a poética Praia do Caju envolvida nos vapores fosforescentes do cair das sombras que abandonavam a terra.

DAMIÃO (*à parte*)

Quanta asneira, meu Deus!

HERMENEGILDA

A lua ocultava o perfil entre nuvens negras como diz o cantor do Jocelyn.

DAMIÃO (*interrompendo*)

Mas vamos tirar pares, vamos tirar pares.

MIRANDA (*para o Chefe de Polícia*)

Se não me engano, é o senhor Doutor Chefe de Polícia da Corte? Há de permitir-me que apresente minha filha a Sua Excelentíssima. (*Apresentando Hermenegilda*) O senhor Doutor Chefe de Polícia. Minha filha, Dona Hermenegilda Taquaruçu de Miranda.

HERMENEGILDA

Creio que é *inútel* esta apresentação, porquanto já tive o prazer de enlaçar o meu braço no de vossa excelência no voluptuoso baile do Fragoso.

VILASBOAS

É verdade, como esteve voluptuoso aquele baile! Havia gente como terra. (*A orquestra toca dentro uma quadrilha*)

DAMIÃO

A orquestra dá o sinal para a segunda quadrilha. Não há tempo a perder, meus senhores.

MIRANDA (*para o Chefe de Polícia*)

Se vossa excelência não tem par, tomo a liberdade de oferecer-lhe minha filha.

(*O Chefe de Polícia dá o braço a Hermenegilda*)

HERMENEGILDA

Eu amo a dança, como o saltitante colibri, pulando de várzea em várzea ora aqui, ora ali, ama as pétalas de flores, onde a borboleta vai colher o delicioso mel.

(*Saem ambos*)

LAURINDINHA (*para Vilasboas*)

Primo, você dança comigo; nós cá quando nos *ajuntemos*, *pintemos*. Ah! Ah! Ah! (*Sai de braço com Vilasboas*)

BASÍLIO (*para a menina*)

Eu vou ver um par para ti, Isabelinha. (*Dirigindo-se a um dos convidados*) Se ainda não tem dama peço-lhe que dance com esta menina. (*A menina sai de braço com o convidado*) Vocês (*Para as meninas*) vejam lá como se portam, vão para a sala, fiquem bem sossegadinhas num canto e sobretudo não me metam a mão nas

bandejas. *(Saem as meninas, os outros convidados tiram pares e saem também)*

DAMIÃO *(para Cocota)*

Você não vai dançar, menina?

COCOTA

Estou muito bem sentada.

DAMIÃO

Se veio cá para fazer papel de jarra, seria melhor ter ficado em casa.

COCOTA

Jarra será ele, veja lá se está falando com seus negros. Se pensa que faço muito empenho em vir aos seus bailes, fique sabendo que vim cá somente para fazer a vontade a papai. Depois que apanhou umas patacas ficou tão cheio de imposturias e de soberbias que parece que tem o rei na barriga. Eu não faço caso de dinheiro.

BASÍLIO

Menina, respeite seu tio, que é mais velho; vá dançar.

COCOTA

Não vou, não vou e não vou. *(Sai para a toailete levando consigo uma moça)*

BASÍLIO *(dando o braço a duas damas e saindo)*

É muito bem criada, mas quando teima, ninguém pode com ela.

CENA VII

Damião e Miranda.

MIRANDA

Na realidade, invejo a posição em que te achas.

DAMIÃO *(com ar pretensioso)*

Ora, meu amigo, mudemos de conversa.

MIRANDA

Infelizmente não posso fazer outro tanto, apesar de ter um elemento com que podia figurar mais do que tu.

DAMIÃO

Qual é?

MIRANDA

Uma filha inteligente e interessante.

DAMIÃO

Não te compreendo.

MIRANDA

Desconheces porventura a importância da mulher na sociedade? Não sabes que de um momento para outro ela pode arremessar-nos ao abismo com a mesma facilidade com que eleva-nos às mais altas posições? Hermenegilda tem todos os dotes para fazer-me subir e, no entretanto, ainda nada consegui até hoje.

DAMIÃO

Ora Miranda...

MIRANDA

Ela, por sua parte, coitada, faz todo o possível. Não a viste, há pouco, com o Chefe de Polícia? Um homem solteiro, em boa posição... um corte de marido, às direitas. Parece-me que o caiporismo vem de mim.

CENA VIII

Os mesmos e Joaquim Guimarães.

GUIMARÃES (*entrando pelo fundo*)

Há um quarto de hora que ando pelas salas a sua procura. Irra!...
Estou suando como um burro.

DAMIÃO

Ó senhor Guimarães, a sua ausência já me era muito sensível!

MIRANDA (*baixo a Damião*)

Este homem não é aquele sujeito muito apatacado de que me
falaste uma vez?

GUIMARÃES

Não pude vir mais cedo. Mandeí ver umas botas para o seu bródio,
encomendo ao diabo do caixeiro que me procurasse quarenta e oito,
três, que é o número que calço, e o ladrão traz-me estas botinas.
Estou com os pés intransitáveis.

MIRANDA (*baixo a Damião*)

Apresenta-me a este homem.

GUIMARÃES

Decididamente não me sei haver com isto. Quem me tira de um bom
chinelo-de-tapete, tira-me de tudo.

DAMIÃO

Já estive na sala da frente?

GUIMARÃES

Acabo de sair de lá.

DAMIÃO

Que tal?

GUIMARÃES

O mulherio é magnífico!

MIRANDA (*à parte*)

É preciso que ele dance com Hermenegilda.

GUIMARÃES

Mas quer que lhe fale com franqueza? Eu não gosto de bailes de cerimônia. Se algum dia der reuniões em minha casa, não hei de fazer convites. Encontrando algum conhecido na rua, chamo-o e digo-lhe: Vem cá, fulano, vai tomar hoje uma xícara de água suja lá em casa; podes ir assim mesmo que lá não vai ninguém de bem. Não me entendo com negócios cá de casaca e gravata ao pescoço, está a gente fora de seus hábitos.

MIRANDA

O senhor é como eu.

GUIMARÃES

Quem é o senhor?

MIRANDA

Chamo-me Desidério José de Miranda, moro na Ponta do Caju e sou pai de uma menina que é um anjo.

GUIMARÃES

Onde está ela?

DAMIÃO (*interrompendo com vivacidade*)

Vamos para a outra sala; minha filha espera-o com ansiedade.

MIRANDA

Venha, eu vou apresentá-la.

DAMIÃO

Oh! Aí vem Marianinha.

CENA IX

Marianinha, Aurélio, Damião, Miranda e Guimarães.

GUIMARÃES (*a Marianinha*)

Ora muito boas noites, minha senhora. Então, como vai a Sé velha?
(*Apertando-lhe a mão*)

DAMIÃO (*a Aurélio*)
Desejava falar-lhe, senhor Doutor.

AURÉLIO (*à parte*)
Compreendo.

MIRANDA (*à parte*)
O patife quer me empatar as vasas.

DAMIÃO (*saindo com Aurélio*)
Vamos também, Miranda, quero comunicar-te um negócio de muita importância.

(*Saem os três. Aurélio lança, ao sair, um olhar furtivo para Marianinha*)

CENA X

Marianinha e Guimarães.

GUIMARÃES (*à parte*)
Que diabo lhe hei de eu dizer? (*Alto*) O dia de hoje tem me corrido muito bem, minha senhora.

MARIANINHA
Deveras?

GUIMARÃES
É verdade.

MARIANINHA
Então, pelo quê?

GUIMARÃES

Vendi de manhã no meu armazém três barricas de paios avariados e tenho agora o prazer de estar ao seu lado.

MARIANINHA

Que amabilidade!

GUIMARÃES

Ah! eu não sou homem de etiquetas, digo o que sinto. Fiz um bom negócio e desabafo com a menina, que é uma pessoa a quem amo com todas aquelas. Também se não gostasse da senhora, dizia-lhe logo nas ventas; eu para isso sou bom.

MARIANINHA

O senhor gosta da franqueza?

GUIMARÃES

É a alma do negócio.

MARIANINHA (*com ironia*)

O senhor Guimarães é um espírito altamente poético; o negócio jamais lhe sai da cabeça, mesmo ao lado da mulher a quem ama.

GUIMARÃES

Se eu não pensar no negócio ao pé da senhora, quando é que hei de pensar então? Além disso o casamento é um verdadeiro negócio.

MARIANINHA

Ah?!

GUIMARÃES

Sim, senhora; é uma sociedade sujeita a perdas e lucros e que tem por capital o amor. Quando o capital se esgota, dissolve-se a firma social, e cada um trata de procurar o seu rumo.

MARIANINHA

Pois já que o senhor gosta da franqueza, há de permitir-me que lhe diga que a nossa firma social é impossível.

GUIMARÃES

Impossível?! Por quê?

MARIANINHA

Já dei o meu capital a outra sociedade.

GUIMARÃES

Já deu o seu capital?! Não é isto o que seu pai tem me dito!

MARIANINHA

Mas é o que lhe digo agora.

GUIMARÃES

Ora, a menina está caçoando. E se o senhor Damião a obrigar?

MARIANINHA

Casar-me-ei com o senhor, mas o meu coração nunca lhe pertencerá.

(Aurélio aparece ao fundo. Marianinha vai retirar-se)

GUIMARÃES

Venha cá.

MARIANINHA *(para Aurélio)*

Dê-me o seu braço, senhor Aurélio. *(Sai com Aurélio)*

GUIMARÃES *(pensando)*

Nada. *(Pausa)* Não me serve.

CENA XI

Guimarães, Miranda e Hermenegilda.

MIRANDA *(apresentando Hermenegilda)*

Aqui está o anjo de que lhe falei. (*Baixo a Hermenegilda*) — Trata-o com toda a amabilidade e vê se o seguras; olha... (*Faz sinal de dinheiro*) Eu a entrego, senhor Guimarães.

GUIMARÃES

Minha senhora...

HERMENEGILDA

Eu já o conhecia *tradicionalmente*.

GUIMARÃES (*à parte*)

Isto é aguardente de outra pipa.

HERMENEGILDA

O seu ar nobre, as suas maneiras distintas, cativaram-me o peito em arroubos divinais.

GUIMARÃES

Ora, minha senhora, quem sou eu? Um pobre diabo carregado de esteiras velhas.

HERMENEGILDA

Mas que tem um coração magnânimo e generoso, como um poeta. Não gosta de versos?

GUIMARÃES

Hum... Assim, assim.

HERMENEGILDA

Certamente ama mais a música?

GUIMARÃES

Já fiz parte da Sociedade Recreio da Harmonia, estive aprendendo a tocar clarinete, mas tenho uma péssima embocadura. Nunca cheguei a sair incorporado à banda.

HERMENEGILDA

A música é a minha paixão *predilética*. Naquelas notas místicas, como diz Eugene Sue nos *Ciúmes do Bardo*, a alma esvai-se em perfumes ignotos. Conhece Meyerbeer?

GUIMARÃES

Muito. Não conheço eu outro.

HERMENEGILDA

Que alma!

GUIMARÃES

É verdade, mas deu com os burros n'água.

HERMENEGILDA

Com os burros n'água?!

GUIMARÃES

Sim, senhora. Pois o Meyerbeer não é aquele mocinho estrangeiro que tinha uma loja de drogas na rua Direita? Quebrou e está hoje sem nada.

HERMENEGILDA

Não, eu falo de Meyerbeer, o cantor da *Africana*, de *Julieta e Romeu*, e da *Traviata*.

GUIMARÃES

Com esse nunca tive relações. (*À parte*) Decididamente, isto é gênero de primeira qualidade.

HERMENEGILDA

Não gosta da dança?

GUIMARÃES

Lá isto sim, é o meu fraco; morro por dançar, como macaco por banana.

HERMENEGILDA

Já tem par para a primeira polca?

GUIMARÃES

Não, senhora.

HERMENEGILDA

Poderei eu merecer a honra de *voltigear* com o senhor nesses mundos aéreos, até onde não ousa subir a acanhada concepção dos espíritos tacanhos e positivos?

GUIMARÃES

O que é que a senhora quer? Eu não compreendi bem.

HERMENEGILDA

Quer dançar esta polca comigo?

GUIMARÃES

Essa é boa, pois não. (*À parte*) Esta mulher está me provocando, e eu ataco-lhe já uma declaração nas bochechas.

CENA XII

Guimarães, Vilasboas, Hermenegilda e Laurindinha.

LAURINDINHA (*rindo-se às gargalhadas*)

Ah! Ah! Ah! Você já viu, primo, que súcia de feiosas, todas caiadas e a fazerem umas cortesias muito fora de propósito! (*Arremedando*)

VILASBOAS

E que linguinhas! Uma delas que dançou perto de mim, estava falando do seu balão.

LAURINDINHA

O que é que ela podia dizer do meu balão?

VILASBOAS

Eu lá sei; disse que você estava estufada, como uma pipoca.

LAURINDINHA

Ah! Ah! Ah! E elas são umas escorridas; parecem uns chapéus de sol fechados!

CENA XIII

Os mesmos e Cocota.

COCOTA (*entrando pelo fundo zangada*)

Vamos ver a capa, eu vou-me embora.

LAURINDINHA

O que foi?

COCOTA

Estou furiosa! Vamos embora.

VILASBOAS (*para Laurindinha*)

Não caia nessa, prima. Já que veio cá, espere pela mamata, que não há de tardar.

LAURINDINHA

Mas o que foi que te aconteceu?

COCOTA

Um diabo de um mono que encontrei na sala tirou-me para uma quadrilha e entendeu que devia tomar-me para seu palito. Depois de me ter dito uma porção de asneiras, perguntou-me se eu não era da Cascadura, e acabou por pedir-me o molde do meu penteado.

LAURINDINHA

Ah! Ah! Ah! E tu encavacaste com isto?

COCOTA

Ora, falem com franqueza, vocês acham alguma coisa neste penteado? Pois o mono saiu às gargalhadas dizendo aos

companheiros: Olhem o chique com que está aquela flor espetada no cabelo; parece uma lanterna de tálburi! Eu, que não aturo desaforos, mandei-o plantar abóboras e dei-lhe as costas.

GUIMARÃES

A menina fez muito bem. Uma ocasião, no baile das Nove Musas, estive às duas por três por lascar uma bolacha numa sujeita que me dirigiu uma graçola pesada. (*Para Vilasboas*) O senhor quer ouvir o que ela me disse? Olhe, escute. (*Diz-lhe um segredo ao ouvido*)

VILASBOAS

Safa!

CENA XIV

Raimunda, Cocota, Laurindinha, Vilasboas, Guimarães, Hermenegilda, dois criados, um com uma bandeja de doces e outro com a do chá, uma negra, com um pão-de-ló em uma salva, os meninos e a menina, Basílio e depois Damião (Os três meninos pulam para alcançar as bandejas que devem ser levantadas pelos criados).

RAIMUNDA (*para Laurindinha*)

Já tens par para todas as quadrilhas?

(*Cocota e Laurindinha sentam-se no sofá*)

BASÍLIO (*com uma xícara de chá, seguindo atrás das bandejas*)

Deixa ver isto.

(*Os criados, atropelados pelas crianças, levantam as bandejas, sem atenderem a Basílio. Guimarães tira uma xícara que oferece a Hermenegilda, Vilasboas tira outra que vai oferecer a Cocota no momento em que as meninas esbarram-se com ele, obrigando-o a despejar a xícara em cima do vestido de Cocota*)

COCOTA

Ah! Estou com a pele da barriga toda assada! Que diabo de desastrado!

LAURINDINHA
Ah! Ah! Ah!

VILASBOAS
Não foi por querer, prima.

DAMIÃO (*entrando pelo fundo e deparando com a negra que traz o pão-de-ló, baixo, zangado, a Raimunda*)
A senhora mande esta negra para dentro. Pois eu alugo para o serviço criados do Carceler e a senhora quer me envergonhar?! (*Para a negra, baixo*) Passa para dentro, tição. (*À parte*) Põem-me a cabeça tonta! (*Olha para os lados como quem procura alguma coisa e sai pelos fundos. A negra sai*)

VILASBOAS
Não haverá por aí pão com manteiga?

GUIMARÃES
O senhor é dos meus, para chá, pão com manteiga. Não entendo cá essas histórias de biscoitinhos e doces.

(*Laurindinha e Basílio enchem os lenços de doces*)

RAIMUNDA (*tirando doces da bandeja, para Basílio*)
Leve este para Chiquinha. (*Para Laurindinha*) Dê este docinho à filha do Barnabé do Tesouro; diga-lhe que não me esqueci dela.

VILASBOAS (*para o criado*)
Deixa-me ver outra xícara. (*Tira a xícara, para Guimarães*) Não vai a outra?

GUIMARÃES
Reservo-me para logo mais.

VILASBOAS

Faz bem; é preciso deixar algum lugar para o sólido, mas, por causa das dúvidas, vou sempre me prevenindo.

(A orquestra toca dentro sinal para uma polca, os criados saem seguidas pelos meninos e a menina)

GUIMARÃES *(para Hermenegilda)*

Esta é a nossa.

(Saem. Entram dois convidados e tomam o braço de Cocota e Laurindinha, saindo todos pelo fundo)

RAIMUNDA

Dão sinal para uma polca, primo Vilasboas.

VILASBOAS

E eu que não tenho par. Ora, hei de encontrar alguma desgarrada. *(Sai juntamente com Raimunda e Basílio)*

CENA XV

Aurélio e Marianinha.

MARIANINHA

Por que está tão triste hoje?

AURÉLIO

A tristeza tem-me sido companheira fiel desde o berço e há de guiar-me talvez até ao túmulo. *(A orquestra dentro toca a polca)* No horizonte negro que se estendia diante dos meus olhos vi luzir uma estrela de bonança. Quando seus raios principiaram a aquecer-me, o astro empalideceu e disse ao coração do pobre órfão: — Louco, que ousaste sonhar a felicidade, volta ao martírio e segue teu destino.

MARIANINHA

O teu destino é o meu; expele de teu rosto as nuvens sombrias da tristeza e pensa nesse amor que será a nossa ventura.

AURÉLIO

Esse amor é impossível, Marianinha. Sem nome, sem família e sem fortuna, vejo-me repellido por teu pai e a consciência diz-me, nas horas em que a esperança vem acalantar-me, que devo fugir quanto antes desta casa.

MARIANINHA

Mas minha mãe te adora, Aurélio.

AURÉLIO

O coração de uma mãe é sempre generoso!

MARIANINHA

Eu te juro que serei tua.

AURÉLIO

Não jures; entre a opulência que te espera, embora amargurada, e a pobreza feliz, teu pai escolherá aquela e os teus votos serão impotentes diante de tão funesta ambição.

MARIANINHA

Tu não me conheces.

AURÉLIO

Conheço-te. És um anjo! Se a sorte te ligar a esse homem não te criminarei por isso. Curvar-me-ei submisso ante o meu destino e seguirei meu caminho.

CENA XVI

Os mesmos e Damião.

DAMIÃO (*entrando às pressas pelo fundo, baixo a Marianinha*)

Lá está a deslambida da Hermenegilda a dançar com o Guimarães e tu aqui. Anda, vem para a sala. Com licença, senhor Aurélio. (*Sai com Marianinha*)

CENA XVII

Vilasboas e a Menina, Aurélio e depois Hermenegilda e Guimarães.

VILASBOAS (*para a menina*)

Afinal sempre achei um par! Vamos dançar aqui, Isabelinha, que está mais folgado. (*Dançam, e Aurélio senta-se pensativo*) Faça o passo largo, levante mais o braço, não envergue tanto o pescoço; bravo! Assim.

GUIMARÃES (*com Hermenegilda*)

Aqui não há tanto aperto. (*Dança a varsoviana ao passo que Hermenegilda dança a polca*)

HERMENEGILDA

Nós laboramos em engano. O que é que o senhor está dançando?

GUIMARÃES

Pois não é assim?

HERMENEGILDA

A orquestra executa uma polca e o senhor está dançando a varsoviana!

GUIMARÃES

Pois isto que estão tocando não é a *valsa-viana*? Minha senhora, eu aprendi com o Guedes e sei onde tenho o nariz. Vamos lá, havemos de acertar.

(Dançam outra vez desencontrados; Vilasboas esbarra-se com Guimarães e atira-o ao chão)

VILASBOAS (*continuando a dançar muito entusiasmado*)

Desculpe-me; quando encontro um bom par, perco a cabeça. (*A orquestra para*)

HERMENEGILDA (*para Guimarães*)

Machucou-se? Venha beber um copo de água.

(*Saem todos menos Aurélio*)

CENA XVIII

Basílio e Aurélio.

BASÍLIO

Não dança, senhor Aurélio?

AURÉLIO

Já dancei a primeira quadrilha.

BASÍLIO

Devia ter dançado a segunda que é a dos namorados. Maganão!

AURÉLIO (*à parte*)

Que maçante!

BASÍLIO

Eu também já não danço. O meu maior prazer nestas reuniões é a boa conversa. (*Tirando a boceta de rapé e oferecendo uma pitada a Aurélio*) — Não gosta? (*Aurélio agradece*) Ora, diga-me uma coisa; o senhor não é filho de São Paulo?

AURÉLIO

Sim, senhor; nasci na capital, lá eduquei-me e formei-me.

BASÍLIO

Boa terra! Passei ali a minha mocidade e ainda tenho saudosas recordações dos pagodes que lá tive. Nós, quando somos moços, fazemos cada extravagância...

AURÉLIO

Eu imagino o que o Major por lá faria...

BASÍLIO

O senhor conheceu lá uma... Não; não há de ser do seu tempo.

AURÉLIO

Diga sempre.

BASÍLIO

Ora, isto já foi há tantos anos, e graça é que nunca mais soube notícias daquela pobre criatura! Foi uma rapaziada. Mas, enfim, eu lhe conto. Havia na Luz uma rapariguinha viva e travessa que era requestada por muitos estudantes, menina séria. Eu fazia o meu pé-de-alferes com a sujeita e em um belo dia, quando menos pensava, sou apanhado em flagrante pela velha que era um demônio. Espalhou-se a notícia pela cidade, a polícia soltou atrás de mim os seus agentes, e eu, — *pernas para que te quero!* Venho para a corte, meu pai soube do negócio e assenta-me a farda às costas. Pobre menina! Nunca mais dela soube notícia.

AURÉLIO (*com interesse*)

Esta mulher morava na Luz?

BASÍLIO

Sim, senhor, quase a chegar à Ponte Grande.

AURÉLIO (*Com interesse crescente*)

E como se chamava?

BASÍLIO

Maria da Conceição.

AURÉLIO

Maria da Conceição!! E o nome da velha que morava com ela?

BASÍLIO

Mas que diabo tem o senhor?

AURÉLIO (*disfarçando*)

Nada. O nome da velha?

BASÍLIO

Creio que era Aurélia.

AURÉLIO (*Segurando em Basílio*)

Foi pois o senhor quem atirou no caminho da perdição uma mulher pura e inocente que devia mais tarde lançar ao mundo um desgraçado?!

BASÍLIO

O que é isto, senhor? Deixe-me.

AURÉLIO

Sim; saiba que este que tem à sua frente é o fruto desse amor criminoso.

BASÍLIO

O fruto? Pois que... O senhor... Tu és meu filho! (*Chorando e ajoelhando-se*) Perdão.

AURÉLIO

Senhor, minha pobre mãe, que está no céu, sofreu tanto...

BASÍLIO

Perdão, meu Aurélio. Deixa-me contemplar teu rosto. (*Abraça-se com Aurélio chorando em altas vozes*) — Se procedi como um miserável para com aquela infeliz que te deu o ser, eu juro que doravante saberei ser teu pai. Vira para cá esse rosto. (*Dá um beijo em Aurélio chorando*) És o retrato da tua defunta mãe. E como chegaste à posição em que te achas?

AURÉLIO

Graças à alma generosa de um protetor que já não existe e que foi um verdadeiro pai que encontrei no caminho da vida.

BASÍLIO

O teu verdadeiro pai aqui está... Tu serás o arrimo da minha velhice. Não me perdoas?

AURÉLIO

Meu pai. (*Abraça a Basílio*)

BASÍLIO

Meu filho. (*Abraça-o chorando e rindo-se ao mesmo tempo*)

CENA XIX

Os mesmos e Damião.

DAMIÃO (*entrando pela direita*)

O que é isto?

BASÍLIO (*abraçado com Aurélio*)

Eu fui um grandíssimo patife, porém juro-te que serei teu escravo.

DAMIÃO (*para Basílio*)

Mas que diabo é isto?

BASÍLIO

Ah! És tu? Abraça-me, abraça-me, Damião! (*Abraçando-o*) Eu quero abraçar todo o mundo.

DAMIÃO

Já sei, tu fizeste algumas visitas à copa e bebeste mais do que devias.

BASÍLIO

O que se passa em mim é tão grande, acho-me neste momento tão altamente colocado, que não desço a responder à chufa pesada que acabas de me dirigir.

DAMIÃO

Por que motivo queres abraçar então todo o mundo?

BASÍLIO

Conheces aquele rapaz?

DAMIÃO

Pois não conheço o senhor Doutor Aurélio?!

BASÍLIO

Olha bem para ele. (*Pausa*) Olha agora para mim. (*Pausa*) Não achas ali um quê...

DAMIÃO

Um quê?!

BASÍLIO

Aurélio é meu filho e eu sou seu pai.

DAMIÃO

Ah! Ah! Ah!

BASÍLIO

É uma história que depois te contarei. (*Para Aurélio*) Vamos para a sala, preciso desabafar com todos a alegria que me vai pelo coração. Vamos, meu filho, quero te apresentar como tal às tuas irmãs. (*Sai com Aurélio*)

DAMIÃO

Um filho natural! Eu já devia sabê-lo. Aquele rubor que lhe subia às faces quando se lhe falava na família... (*Sai pensativo pelo fundo*)

CENA XX

Hermenegilda e Guimarães.

HERMENEGILDA

Os perfumes dos salões falam-me às fibras mais recônditas da alma. Sinto um indefinível que me atrai para os espaços como as estrelas que brilham no éter purpurino das melodias do céu.

GUIMARÃES (*com um cravo na mão, à parte*)

O negócio há de começar por esta flor.

HERMENEGILDA (*depois de pequena pausa*)

Que ar pensativo é este que lhe anuvia a fronte em cismas de poeta?

GUIMARÃES

O que é que a senhora está dizendo?

HERMENEGILDA

Por que está tão pensativo?

GUIMARÃES

Eu... Ora esta... É meu modo. Quando estou no armazém é sempre assim. (*À parte*) Vou lhe dar a flor. (*Alto*) Minha senhora... (*À parte*) Deixe-me ver se me lembro...

HERMENEGILDA

O que quer?

GUIMARÃES (*oferecendo-lhe o cravo*)

Tomo a liberdade de oferecer um cravo a outro cravo.

HERMENEGILDA

Ah! Será possível? Deixe-me oferecer-lhe também uma flor do meu inodoro ramalhete. (*Tira uma flor do buquê que traz*) Tome, é uma perpétua. Sabe o que quer dizer no dicionário das flores esta inocente filha dos vergéis, vestida com as cores sombrias do sentimentalismo?

GUIMARÃES

Não, senhora.

HERMENEGILDA

Quer dizer constância eterna.

GUIMARÃES (*à parte*)

Eu atiro-me aos pés dela e acabo com isto de uma vez.

HERMENEGILDA (*pondo o cravo no peito*)

Este cravo não me sairá do peito até que morra. "Morte, morte de amor, melhor que a vida."

GUIMARÃES (*ajoelhando bruscamente*)

Ah! Minha senhora, eu a adoro; pela senhora... Eu a amo.

HERMENEGILDA

Não repita essa palavra, que me afeta todo o sistema nervoso.

CENA XXI

Os mesmos, Vilasboas e Laurindinha.

VILASBOAS

Um patife ajoelhado aos pés de minha mana.

LAURINDINHA

Ah! Ah! Ah!

VILASBOAS

Não se ria, prima, que isto é muito sério.

GUIMARÃES (*levantando-se*)

Que tem você com isto?

VILASBOAS

O que tenho com isto?!

LAURINDINHA (*apontando para Guimarães*)

Ah! Ah! Ah! Olhe, que cara, primo Vilasboas.

VILASBOAS

Não se ria, prima, que eu tenho gosto de sangue na boca. (*Para Guimarães*) Prepare-se para bater-se comigo, senhor.

GUIMARÃES

Pois para bater-me com você é preciso preparar-me?

VILASBOAS

Escolha as armas!

HERMENEGILDA (*pondo-se de permeio*)

Cassiano Vilasboas, meu irmão, não derrames o sangue deste homem.

LAURINDINHA

Ah! Ah! Ah!

VILASBOAS

Escolha as armas, senhor!

GUIMARÃES

Estou pronto. (*Avança para Vilasboas e dá-lhe uma bofetada*)

VILASBOAS (*gritando*)

Ai! Ai! Ai!

LAURINDINHA

Ah! Ah! Ah!

GUIMARÃES

Em guarda, e defenda-se! (*Dá outra bofetada*)

VILASBOAS (*gritando*)

Ai! Ai! Socorro! Socorro!

(Hermenegilda desmaia nos braços de Laurindinha)

CENA XXII

Vilasboas, Hermenegilda, Miranda, Damião, Raimunda, Marianinha, Basílio, Laurindinha, Cocota, Guimarães, Aurélio, convidados, e os Meninos.

DAMIÃO

O que é isto, meus senhores? Que escândalo!

VILASBOAS *(apontando para Guimarães)*

Este homem ousou levantar a mão para o meu rosto. Deve-me uma reparação.

MIRANDA

Minha filha!

(Hermenegilda acorda)

VILASBOAS *(para Miranda)*

Meu pai, surpreendi-o aos pés de minha mana e desafiei-o para bater-se comigo.

MIRANDA *(à parte)*

É preciso fazer render a situação. *(Alto, para Guimarães)* O senhor deve-nos uma reparação.

GUIMARÃES

Mas que diabo de reparação querem vocês? Eu gosto desta moça, caso-me com ela e está acabado.

MIRANDA *(abraçando Guimarães)*

O senhor é um homem de bem.

DAMIÃO *(para Guimarães)*

Mas, minha filha...

GUIMARÃES

Sua filha disse-me na bochecha que já tinha dado o capital a outra sociedade e isto de mulher sem o capital... Hum... temos conversado.

BASÍLIO (*para Damião*)

Sua filha tem aqui um noivo. (*Apresentando Aurélio*) E eu, como pai, dou o meu consentimento.

LAURINDINHA e COCOTA

Como pai?!

BASÍLIO

Sim, é seu irmão.

LAURINDINHA

Ah! Ah! Ah! Onde saiu este irmão de comédia?

MARIANINHA (*ajoelhando-se com Aurélio aos pés de Damião*)

Meu pai, a sua bênção. (*Damião volta o rosto*)

GUIMARÃES (*Para Vilasboas*)

Se quiser bater-se comigo ainda estou às suas ordens.

VILASBOAS

Uma vez que o senhor vai ser meu cunhado, eu o perdoo; fica a bofetada em família.

DAMIÃO (*para Marianinha e Aurélio*)

Casem-se, eu irei acabar a minha vida longe daqui. Maldita parentela! Envergonham-me, roubam-me o genro e acabam introduzindo-me em casa ainda um parente! (*Canta*)

Meus senhores, neste espelho

Podem todos se mirar.

Em parentes desta ordem
Ninguém deve se fiar.
Se algum dia se casarem
Vejam lá, tenham cautela!
Que há mulheres que, por dote,
Trazem esta parentela.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com